

A “Fuga de Cérebros” da África: Impactos na Segurança e na Estabilidade

Tenente-Coronel (Reserva) Robert Feldman, Exército dos EUA

A ÁFRICA ESTÁ SANGRANDO. Boa parte de seu sangue vital — indivíduos instruídos, que poderiam ajudar a enfrentar seus problemas mais graves — está se esvaindo. Essa “hemorragia” de engenheiros, médicos, professores, enfermeiros, empresários, cientistas e outros profissionais com extensa formação constitui a “fuga de cérebros” (*brain drain*) da África. Em um continente onde relativamente poucos chegam a cursar o ensino fundamental, quanto mais o ensino superior, esses indivíduos, em cuja formação a sociedade muitas vezes investe um volume desproporcional de recursos, estão levando suas valiosas habilidades para outras partes do mundo.

O impacto disso tem sido enorme. Muitos hospitais e centros de saúde não estão em funcionamento porque os médicos e enfermeiros africanos foram para a Europa ou para os Estados Unidos da América (EUA). As escolas frequentemente carecem de professores qualificados. A lista de projetos e programas adiados em virtude da falta de indivíduos habilitados parece interminável.

As Forças Armadas africanas não estão imunes ao problema. Desde os mais elevados escalões, em que são tomadas as decisões estratégicas, até os mais baixos, em que se efetua a manutenção de equipamentos técnicos, a falta de indivíduos qualificados em muitos exércitos, marinhas e forças aéreas está sendo notada. A perda de indivíduos preparados no setor civil também afeta as capacidades militares. Há menos empresários gerando

renda tributável; menos engenheiros projetando rodovias e outros elementos da infraestrutura essencial; e, o que talvez seja pior, menos pessoas instruídas disponíveis para ocuparem cargos no serviço público e conduzirem, entre outras funções, a importante supervisão civil das Forças Armadas.

Apesar da perda de cidadãos com boa escolaridade, que poderiam ajudar a construir uma África melhor, o continente obtém alguns benefícios dessa fuga de cérebros. O mais significativo refere-se aos bilhões de dólares em remessas de valores enviados para o continente todo ano, que sustentam não apenas famílias, como também as economias de países inteiros. É preciso considerar esse fluxo de dinheiro quando se examina o impacto que a fuga de cérebros exerce sobre a estabilidade dos países e, de um ponto de vista militar, sobre sua capacidade para recrutar, instruir e manter efetivos e adquirir novas armas. Este artigo discutirá tanto os efeitos positivos quanto os negativos, decorrentes da fuga de cérebros, deixando ao leitor a decisão final quanto a ela representar um benefício ou uma perda para a África.

Causas da “Fuga de Cérebros”

Há várias razões para que indivíduos instruídos estejam deixando a África. A mais prevalente parece ser a renda bem maior que eles podem obter na Europa e em outras partes do mundo, em comparação à terra natal. Em muitos países africanos, os salários são bastante baixos em relação aos padrões internacionais, especialmente no caso de profissionais como

O Tenente-Coronel Robert Feldman, do Componente da Reserva do Exército dos EUA, é analista da África e chefe da equipe África junto ao Gabinete de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth,

Estado do Kansas. Publicou diversos artigos sobre o terrorismo, o meio ambiente e a saúde na África, atuando como especialista nesses temas em várias atividades do Departamento de Defesa.



AP/Khaili Sensol

Irmã Maerine Achieng examina criança em uma clínica na favela de Kibera, em Nairóbi, no Quênia, 26 Jun 06.

engenheiros, médicos e enfermeiros. Eles percebem que seu valor econômico é bem maior fora do continente e, por isso, estão saindo em massa, atraídos pelas melhores oportunidades econômicas em outros lugares.

Seria um equívoco achar que todos eles são egoístas por deixarem um continente que precisa desesperadamente de seus conhecimentos especializados, pela chance de obterem uma remuneração bem melhor. Estima-se que muitos deles enviam quase 60% de seus salários para a terra natal, de modo que seus parentes e outros possam comprar comida, pagar a matrícula escolar, cuidar de pais idosos, comprar remédios, implantar projetos geradores de renda e apoiar uma infinidade de outras causas de mérito, que não seriam financiadas se essas pessoas não viajassem para terras estrangeiras em busca de maior renda.

Normalmente, os países africanos com populações menores e oportunidades limitadas para a diversificação econômica têm um nível desproporcional de migração, em comparação com os mais populosos¹. A razão por trás disso parece ser a reduzida capacidade para diversificação econômica em um país com uma população pequena, especialmente se ele não fizer parte de uma aliança regional, como a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.

Não é apenas a chance de maior renda que estimula os africanos letrados a deixarem suas terras natais. Em muitos países africanos, frequentemente não há empregos na especialização escolhida para os que estão se formando no ensino superior, em nível salarial algum. Depois de anos de estudo em Engenharia, podem acabar vendendo jornais; depois de anos de Medicina, talvez só consigam trabalho como motoristas de táxi. Com o fácil acesso a anúncios na mídia internacional sobre a necessidade de pessoas com suas habilidades, é compreensível que eles, muitas vezes, decidam ir embora. Ao chegarem a um novo país, não só descobrem que suas habilidades estão em demanda, mas também que têm acesso a tecnologias que seus países de origem apenas sonham em ter.

As guerras — internas e externas aos países — e a perseguição política também têm contribuído para a fuga de cérebros. Os regimes repressivos às vezes visam indivíduos com instrução superior devido à sua franqueza. É mais seguro criticar um ditador insano das ruas de Londres do que das ruas da terra natal.

Extensão da “Fuga de Cérebros”

A falta de documentação e de uniformidade no emprego de definições, além de outros fatores, torna difícil avaliar a extensão exata da fuga de cérebros, e muitos alegam que as estimativas oficiais são baixas demais². O Banco Mundial calcula que, em 2010, cerca de 30,6 milhões de africanos deixaram seus países de origem. A maioria migrou para outros países africanos, embora esse padrão não se aplique a todo o continente — 90% dos emigrantes do Norte da África se mudaram para países fora do continente³.

Os dois destinos mais populares para a migração intracontinental são a Costa do Marfim e a África do Sul, que recebem, respectivamente, 8% e 6% dos emigrantes internos. A França, destino de preferência para os que estão deixando o continente, recebe 9% de todos os emigrantes. A Arábia Saudita recebe 5%. Os EUA e o Reino Unido recebem 4% cada⁴.

O Banco Mundial calcula que, em 2010, cerca de 30,6 milhões de africanos deixaram seus países de origem.

Em 2004, 7,2 milhões de africanos (3,8 milhões do Norte da África e 3,4 milhões da África subsaariana) habitavam países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, um grupo de países desenvolvidos que se empenham em melhorar a economia de nações menos desenvolvidas. Alguns acreditam que um em cada oito africanos com um diploma universitário esteja morando em um país filiado à organização. Isso é irônico, uma vez que sua finalidade é estimular o desenvolvimento em países menos desenvolvidos⁵.

Impacto nos Recursos Militares

Treinar um piloto da Força Aérea em Gana custa entre US\$ 40 mil e US\$ 70 mil, valor que representa um investimento enorme para um país pobre⁶. Considerando que entre 20% e 30% desses oficiais deixam a Força para pilotar em outras entidades, treiná-los drena, de maneira crônica, os escassos recursos militares⁷. Além disso, não é só a Força Aérea de Gana que vem perdendo efetivos. Os hospitais militares do país estão perdendo médicos e enfermeiros⁸. Comandantes relatam que muitas outras unidades das Forças Armadas vêm sofrendo efeitos negativos com a saída de indivíduos bem treinados. Embora Gana tenha sido particularmente franca com a imprensa em relação ao impacto que a fuga de cérebros tem exercido sobre suas

Forças militares, muitos outros países africanos compartilham dessa mesma sina.

Além das implicações para o aprestamento e o impacto financeiro da perda de militares adestrados, a fuga de cérebros afeta as Forças militares africanas de várias outras maneiras. A perda mais devastadora, provavelmente, é a de atuais e futuros líderes. Com menos soldados experientes para comandar, ensinar ou oferecer uma visão de futuro, as Forças precisam recorrer a indivíduos menos qualificados, possivelmente com resultados militares aquém do ideal.

Quanto mais treinamento um militar tiver, especialmente em campos técnicos, mais desejável ele se torna em outros países. Como ilustra o exemplo anterior, pilotos, com seu adestramento técnico prolongado, são especialmente suscetíveis a recrutadores estrangeiros, potencialmente fazendo com que algumas forças aéreas africanas tenham aviões, mas ninguém para pilotá-los.

Com a perda de engenheiros e técnicos, algumas Forças militares africanas terão dificuldade em modificar equipamentos militares fabricados no exterior para satisfazer suas próprias necessidades. O reparo de equipamentos será adiado ou não será efetuado. Com a necessidade de que compradores entendam as especificações técnicas e capacidades de várias armas, até a aquisição de equipamentos ficará prejudicada.

A perda de efetivos médicos militares também será sentida intensamente. Esses indivíduos são especialmente qualificados para implantar programas de prevenção de doenças, assim como tratar dos enfermos. A malária, a tuberculose e muitas outras doenças contagiosas são endêmicas em partes da África, mas seu impacto nos soldados pode, muitas vezes, ser minimizado, com medidas preventivas e tratamento.

O HIV/AIDS representa um desafio especial para muitas Forças militares africanas, porque elas são, com frequência, compostas de rapazes que estão fora de casa pela primeira vez em suas vidas, um grupo de alto risco. Em consequência, as Forças Armadas africanas apresentam uma taxa de HIV/AIDS que é de duas a cinco vezes maior que a das populações

civis correspondentes⁹. O índice de HIV/AIDS em algumas Forças Armadas africanas é elevado o suficiente para afetar o aprestamento militar. Unidades constataam que não dispõem de uma quantidade adequada de efetivos e/ou precisam desviar uma quantidade considerável de recursos para cuidar dos militares enfermos. Os países africanos com índices especialmente elevados de HIV/AIDS, como a África do Sul e a Nigéria, tradicionalmente têm contribuído com um número significativo de soldados para as operações de manutenção da paz, um papel que está em perigo. Como afirmou um general sul-africano sobre a taxa de prevalência de 23% de HIV/AIDS nas Forças Armadas de seu país: “Do ponto de vista da saúde militar, estamos travando uma guerra, uma guerra humana”¹⁰. Infelizmente, são necessárias tropas para combater em uma guerra — tropas como médicos e enfermeiros, justamente o tipo de profissional que tem emigrado da África, obrigando as Forças Armadas sul-africanas, nigerianas e de outros países a combater o HIV/AIDS, a tuberculose e outras doenças fatais sem pessoal médico.

Fluxo de Ideias

Há um fluxo bidirecional de ideias entre a África e seus cidadãos residentes no exterior. O fluxo da África para sua comunidade no exterior vai além do escopo deste artigo, o qual pretende, em vez disso, examinar o fluxo de ideias no sentido oposto: da comunidade africana no exterior de volta para o continente.

Esse fluxo de informações para a África, facilitado em épocas recentes pelas mídias sociais como o *Facebook*, pode influenciar a segurança e a estabilidade nos países africanos por meio de conversas informais com familiares e amigos, incitando a opinião pública em prol de mudanças positivas ou negativas.

Conversas informais. Um levantamento informal que fiz de históricos de navegação em cibercafés africanos apoia a premissa de que a maioria das informações enviadas de volta para a África não tem impacto algum sobre a segurança e a estabilidade. Muitas das conversas com amigos

e parentes na terra natal provavelmente consistem, na maior parte, de novidades sobre o trabalho e a saúde, conversas sobre comida e o tempo, além de outros assuntos não polêmicos. Cabe mencionar as conversas sobre cultura popular em *sites* nos quais africanos residentes no exterior discutem as últimas novidades sobre a música, o cinema, a moda e os esportes ocidentais com amigos e parentes na terra natal, que, pelos seus comentários, parecem ansiosos em ouvi-las. A cultura ocidental tem uma influência profunda em muitos africanos — como uma viagem para aquele continente frequentemente mostra —, e essas influências podem ajudar a forjar fortes laços entre o Ocidente e a África.

Incitando a opinião pública por mudanças positivas. Essa categoria inclui conversas relativas aos benefícios da democracia, da imprensa livre, da proteção dos direitos humanos e de propriedade e da tolerância religiosa. Os africanos residentes no exterior podem falar dos benefícios desses princípios e práticas aos seus países de origem. Também podem estabelecer grupos que incentivem os governos de seus países de residência,



Força Aérea dos EUA, Sgt. Sean M. Worrell

Veterinária do Exército dos EUA e veterinário queniano enchem seringa com multivitaminas para cabras durante uma operação do Programa de Ação Cívica Veterinária em Ilha Pate, no Quênia, 03 Dez 06.

como a Grã-Bretanha e França, e organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas, a pressionar os governos africanos no sentido de melhor governança. Há uma infinidade de *sites* criados pela diáspora africana que refletem esse interesse. Notei que três nações, em particular, contam com um grande número de *sites* criados



Médico da Marinha dos EUA (segundo a partir da direita) trabalha com voluntários médicos etíopes para identificar o diagnóstico correto de um paciente na Aldeia de Belewa, na Etiópia, 04 Out 08.

por suas comunidades no exterior, que buscam instigar mudanças positivas em suas terras de origem: a Somália, o Egito e a Nigéria.

Incitando a opinião pública por mudanças negativas. Nessa categoria, as ideias que as comunidades africanas no exterior enviam de volta para a África incitam a opinião pública em prol de mudanças negativas. Embora possa levar africanos no exterior a adotar alguns aspectos de seu novo país, o contato com culturas estrangeiras também pode fazer com que alguns, especialmente aqueles com um ponto de vista mais conservador, venham a censurar publicamente o que, a seu ver, constitui a depravação prevalente na Europa e nos EUA. Há vários *sites* que condenam a cultura ocidental e sua influência na comunidade africana. Embora comentários nesse sentido não sejam, em si, um problema (e possam, na verdade, representar um sinal saudável de uma sociedade livre), indivíduos extremistas defendem uma reação violenta à invasão da cultura ocidental. Uma organização terrorista nigeriana chegou a incorporar essa

postura antiocidental em seu nome. Seu título oficial é *Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'awati wal-Jihad*, mas o povo da cidade onde ela foi criada, Maiduguri, apelidou-a de *Boko Hara* no idioma local, haussa, nome esse que se popularizou e cuja tradução aproximada seria “a educação ocidental está proibida”¹¹.

Se a fuga de cérebros representa uma hemorragia da África, as remessas de dinheiro são as infusões que mantêm viva grande parte do continente.

Alguns indivíduos que deixaram países que os oprimiam devido a visões religiosas que o mundo ocidental consideraria extremistas encontraram na Europa e nos EUA, com a liberdade de suas sociedades, o lugar perfeito para incubar suas crenças radicais e por vezes violentas. Livres para se associarem com pessoas de mentalidade

parecida e para utilizarem as mídias sociais sem restrições, eles defendem movimentos como a introdução da lei islâmica *sharia* ou ataques contra governos apoiados pelo Ocidente em seus países de origem. Ironicamente, utilizam a liberdade de que hoje usufruem na Europa e nos EUA para minar a possível transição para nações mais democráticas e tolerantes na África. O Egito é um excelente exemplo dessa situação. Embora Mubarak tenha sido removido, seu regime foi substituído pela Irmandade Muçulmana, grupo que pode ser menos tolerante em relação aos cristãos coptas presentes no país predominantemente muçulmano¹².

Remessas de Dinheiro

Se a fuga de cérebros representa uma hemorragia da África, as remessas de dinheiro são as infusões que mantêm viva grande parte do continente. Quase US\$ 40 bilhões entraram no continente em 2010, o quádruplo em relação a 1990, representando 2,6% do Produto Interno Bruto da África¹³. Depois de investimentos estrangeiros diretos, essas remessas são a maior fonte de recursos externos líquidos do continente, mas cabe observar que seu verdadeiro total é provavelmente subestimado. Dos países subsaarianos, apenas cerca da metade coleta dados sobre elas com alguma regularidade, fazendo com que seja bastante difícil calcular um fluxo total aproximado.

Boa parte das remessas é enviada por meio de um sistema de transferência conhecido por *hawala*, que se baseia na confiança e possui poucos registros por escrito, tornando ainda mais difícil determinar a extensão delas¹⁴. A combinação do tradicional sistema *hawala* com os meios de telecomunicações modernos, como a internet e os telefones móveis, permite que as remessas sejam enviadas facilmente do exterior e recebidas no mesmo dia.

Grande parte delas é utilizada para pagar por alimentos, roupas, aluguel, taxas escolares e medicamentos. Alguns as utilizam para investir em negócios. Contudo, algumas são empregadas em atividades nocivas, incluindo o narcotráfico e o terrorismo. Infelizmente, a estrutura do sistema

hawala às vezes dificulta para os investigadores distinguir o fluxo de verbas utilizadas para fins legítimos dos destinados a atividades ilícitas¹⁵.

Embora o total anual de remessas seja bastante grande, os valores individuais enviados são relativamente pequenos. Com base em entrevistas, eles parecem ser, de modo geral, gastos rapidamente em estabelecimentos locais, como mercados, em vez de economizados ou utilizados a grandes distâncias do local de residência dos destinatários. Assim, existe um efeito multiplicador na cidade natal, uma vez que a comunidade onde reside um destinatário se beneficia da repetida circulação de muitos desses dólares na economia local.

É inegável que as remessas fazem uma grande diferença na vida dos africanos. Em países onde a renda per capita é bastante baixa, até uns poucos dólares enviados periodicamente por um parente que trabalhe no exterior possibilitam que uma família pobre coloque mais comida na mesa. Em viagens pela África, vim a conhecer diversas famílias que recebiam mais do que dinheiro às vezes. Observei a presença conspícua de rádios, televisores e outros “objetos de luxo” no que muitos chamariam de casebre. Os ocupantes dessas casas compartilhavam histórias de como um irmão que trabalhava na França, um pai na Grã-Bretanha ou algum outro parente morando em outro lugar havia enviado dinheiro suficiente para a compra do aparelho agora conectado à rede elétrica local com fiação um tanto duvidosa.

Eventualmente, também há alguns grandes investimentos de africanos expatriados que tenham obtido grande sucesso nos setores de entretenimento ou esportes. *Resorts* de luxo voltados a turistas estrangeiros parecem ser os projetos de preferência para os africanos ricos residentes no exterior. Ao gerarem um grande número de empregos, trazerem divisas estrangeiras por meio do turismo e ajudarem a projetar uma imagem positiva do continente para os que os visitam, esses *resorts* podem ser extremamente benéficos para a África, em geral, e para a região onde estiverem localizados, em particular.

Do ponto de vista da segurança, essas remessas têm vários atributos positivos:

- Fornecem dinheiro para os pobres, ajudando a acalmar, mediante processos como a geração de empregos e a mitigação da fome, os distúrbios sociais que resultam da miséria.

- Criam um universo de potenciais candidatos mais saudáveis e qualificados para o serviço militar, ao prover dinheiro para a alimentação, moradia, medicamentos e educação.

- Aumentam a receita tributária, fornecendo financiamento para a defesa e para o desenvolvimento de infraestrutura, como estradas essenciais para a segurança.

- Proporcionam aos cidadãos a oportunidade de conectar com o mundo externo mediante a aquisição de rádios, televisores e sessões em cibercafés, embora essa conexão possa apresentar aspectos tanto positivos quanto negativos. Um exemplo de aspecto positivo seria a propagação de mensagens pelas mídias sociais durante as manifestações da Primavera Árabe, para incitar a opinião pública em prol da democracia. Um exemplo de aspecto negativo seria a radicalização de jovens pelos *sites* da Al Qaeda.

Válvula de Escape

A fuga de cérebros é uma espécie de válvula de escape, que permite que indivíduos insatisfeitos migrem em vez de fomentarem a discordância em suas terras natais. Evidentemente, para os que creem que certos países precisam de mais liberdade de discordância e até de uma revolução possivelmente, um êxodo de indivíduos instruídos será visto como algo negativo.

Pessoas que possam ter lutado por mudanças em seus países natais, mas passaram a morar em Paris, Londres ou Nova York, ainda podem exercer influência, mas sua voz e suas ações ficarão um tanto atenuadas. Embora a repressão e a corrupção que levaram à Primavera Árabe estivessem em desenvolvimento há muito tempo, muitas vezes foi um evento local que desencadeou o distúrbio subitamente. Assim, parece que os líderes precisam estar por perto para tirar proveito de certos eventos. Por exemplo, na Tunísia, as manifestações locais eclodiram assim que Mohamed Bouazizi, um

vendedor ambulante cujas mercadorias haviam sido confiscadas pela polícia, ateou fogo em si mesmo¹⁶. Os tunisianos residentes na França, na Inglaterra ou nos EUA estavam longe demais, evidentemente, para fazer parte das primeiras manifestações.

Ao deixarem a África, os instigadores de mudanças se colocam, de modo geral, fora do alcance dos governos repressores que estão atacando. Sua influência e sua capacidade para espontaneamente tirar proveito de eventos locais ficam extremamente reduzidas.

Impacto Ambiental Negativo

Embora a emigração reduza a pressão populacional sobre o meio ambiente africano, a perda de engenheiros e técnicos (especialmente engenheiros civis e técnicos em recursos hídricos) significa que há um número menor de pessoas com as habilidades necessárias para lidar com os inúmeros problemas ambientais que assolam o continente. Muitos desses problemas têm um impacto direto sobre a segurança nacional. Por exemplo, a falta de água pode levar a conflitos, como ocorreu em Darfur, no Sudão, onde pastores no norte daquela região, incapazes de alimentar seus rebanhos devido à seca e ao pastoreio excessivo, migraram para o sul, habitado por agricultores. A presença de animais dos migrantes do norte nas terras cultivadas do sul ajudou a precipitar um conflito que levou ao deslocamento de milhares de pessoas. Muitos observadores designaram de genocídio quando os habitantes do norte, que são árabes, juntamente com o governo sudanês, procederam à limpeza étnica do povo do sul de Darfur, composto de africanos negros. Caso houvesse mais cientistas ambientais, engenheiros civis e políticos instruídos no Sudão para explicar como utilizar os recursos em Darfur de modo sustentável, é possível que o conflito nunca tivesse ocorrido.

A África do Sul oferece uma guinada interessante para as histórias muitas vezes interligadas de meio ambiente, democracia e fuga de cérebros. Em muitos países africanos, a falta de liberdade política é a força motriz para que muitos dos habitantes instruídos decidam ir embora, incluindo

os engenheiros civis, que são essenciais para a manutenção de represas e de outras instalações de distribuição de água. Contudo, o fim do *apartheid* e a chegada da democracia na África do Sul coincidiram com a perda de muitos desses valiosos indivíduos qualificados. As fortes políticas de ação afirmativa implantadas pelos governos sul-africanos pós-apartheid levaram muitos engenheiros civis jovens e brancos a emigrar à procura de trabalho, deixando para trás um país com uma decrescente qualidade de água em muitos dos grandes reservatórios¹⁷.

Conclusão

Embora a impressão inicial em relação à fuga de cérebros da África talvez seja a de que ela tenha prejudicado as Forças Armadas e a segurança de muitos países daquele continente, uma análise aprofundada revela que a situação é mais complexa. Por exemplo, a perda de pilotos é um impacto negativo, mas o aumento no total de remessas de

dinheiro resultante da maior emigração gera um resultado positivo. A redução da população alivia a pressão sobre os recursos naturais, mas a perda de engenheiros e cientistas que estariam aptos a lidar com problemas ambientais prementes tem consequências negativas.

Para reduzir a perda de profissionais habilitados na África, os países europeus e os EUA talvez cogitassem a possibilidade de bloquear a imigração de cidadãos africanos possuidores de habilidades essenciais para a aplicação em seus países de origem. Entretanto, uma política como essa seria contrária aos ideais modernos. Para começar, ela puniria pessoas que buscam aprimorar-se. Também criaria uma situação em que aqueles com um menor grau de escolaridade teriam acesso preferencial a um país ocidental, algo que não é necessariamente favorável para o Ocidente. Por último, exigiria que um governo, e não a economia de mercado, decidisse que habilidades são essenciais.



AP/Denis Farrell

Pacientes fazem fila para receberem atendimento médico no "Trem da Esperança Phelophepa", na estação de Kirkwood, África do Sul, 01 Jan 06. Esse trem-hospital utiliza a infraestrutura ferroviária da África do Sul para prestar atendimento médico móvel a pacientes das áreas rurais.

Tem havido uma movimentação em direção a restrições ao recrutamento de profissionais de saúde de países menos desenvolvidos. Em 2010, a Assembleia Mundial da Saúde, da Organização Mundial da Saúde, adotou o Código de Prática sobre o Recrutamento Internacional de Profissionais de Saúde¹⁸. Entretanto, ele não é obrigatório; apenas solicita o cumprimento voluntário de normas éticas de recrutamento por parte dos países envolvidos.

Uma alternativa a solicitar que países ocidentais bloqueiem a imigração seria incentivar as nações africanas a impor óbices à emigração de cidadãos qualificados, política que já foi implantada em diversos locais. Alguns programas de formação de médicos ou similares exigem que os diplomados atuem dentro do país durante um certo número de anos. Esses programas parecem obter resultados mistos, talvez porque muitos

dos indivíduos qualificados venham de famílias bem conectadas politicamente.

Muitos países africanos provavelmente obteriam bons resultados em estancar o fluxo de cidadãos instruídos mediante algumas ações favoráveis aos negócios. A criação de alianças econômicas regionais, à semelhança da Comunidade Econômica de Países da África Ocidental, seria uma dessas medidas. Outras seriam adotar estruturas tributárias sensatas, facilitar a entrada de investimentos estrangeiros, reduzir a corrupção e assegurar os direitos de propriedade. Infelizmente, grupos de interesse arraigados e poderosos dificultam as mudanças.

Um modo pelo qual tanto os países ocidentais quanto os países africanos podem começar a lidar com o problema seria a realização de análises de custo-benefício de possíveis programas educacionais na África, incorporando no fator custo



AP/John Parkin

Cerca de 600 alunos e professores da Faculdade de Medicina participam de manifestação e apresentam uma petição que afirma que o *apartheid* os obriga a violar o juramento de Hipócrates. Cerca de 40% dos estudantes de medicina eram negros, mestiços ou indianos. Eram obrigados a trabalhar no Hospital Geral de Johannesburg, restrito a brancos, mas não podiam ser admitidos nessa mesma instituição a não ser em emergências. Johannesburg, África do Sul, 19 Ago 88.

expectativas realistas quanto à porcentagem de indivíduos propensos a emigrar. Assim, uma organização militar ocidental empenhada em aprimorar as capacidades da força aérea de um país africano deve considerar que porcentagem de pilotos, com base na experiência de países semelhantes naquele continente, iria para a Europa ou para os EUA depois do treinamento. É possível que esses países tirem maior proveito da aquisição de peças de artilharia que do treinamento de pilotos.

Nesse sentido, é importante reconsiderar políticas que enfatizem a formação de longo-prazo baseada em modelos de ensino ocidentais. Talvez seja mais apropriado treinar um grande número de pessoas no atendimento médico básico que formar alguns médicos, que talvez emigrem. Portanto, um programa de assistência humanitária militar que treine profissionais de saúde nas aldeias, semelhantes aos conhecidos “médicos de pés descalços” chineses, salvaria mais vidas que um programa — possivelmente patrocinado por outro setor do governo norte-americano — que investisse em formar indivíduos durante oito anos em tecnologias facilmente disponíveis em países ocidentais, mas raras em muitos países africanos, a não ser em grandes hospitais de ensino.

Embora útil para assegurar que os africanos empreguem verbas ocidentais da maneira mais eficiente possível, a realização de análises de custo-benefício provavelmente terá um impacto pequeno na fuga de cérebros. Grande parte do treinamento é realizada sem verbas do exterior e, portanto, sem sua supervisão. Além disso, independentemente de raça ou etnia, as pessoas tendem a buscar uma vida melhor, mesmo que isso signifique mudar-se para longe. É bastante compreensível que africanos instruídos busquem pelas melhores oportunidades para utilizar suas

habilidades. Essa saída de capital humano se deve a uma situação de pressão e atração: a instabilidade interna e os baixos salários pressionam as pessoas a saírem da África, ao mesmo tempo que a estabilidade e a boa remuneração as atraem para a Europa e para os EUA.

O relatório *Leveraging Migration for Africa: Remittances, Skills, and Investments* (“Como Tirar Proveito da Migração na África: Remessas de Dinheiro, Habilidades e Investimentos”, em tradução livre) apresenta dados de novas pesquisas, que demonstram que a migração e as remessas reduzem a pobreza nas comunidades de origem. As remessas de valores levam a maiores investimentos na saúde, educação e habitação na África. A diáspora fornece capital, comércio, conhecimentos e transferência de tecnologias. Assim, reconhecendo que há uma grande perda quando as pessoas migram para países desenvolvidos, o relatório observa que essa mesma migração gera “oportunidades”.

Talvez se chamássemos a “fuga de cérebros” de “gerador de remessas”, muitas das conotações negativas associadas à saída de indivíduos instruídos da África desaparecessem, embora esse novo título talvez inclinasse a opinião para o extremo oposto, com imagens de um fluxo de caixa positivo substituindo a da saída de engenheiros. Assim é com o impacto da emigração de africanos altamente qualificados sobre a segurança e estabilidade da África: é preciso superar as impressões desfavoráveis iniciais em relação à expressão “fuga de cérebros” e entender que o fenômeno tem aspectos negativos e positivos. Com o estabelecimento de políticas adequadas, talvez seja possível tirar proveito das oportunidades que surgirem, a fim de minimizar os aspectos negativos e maximizar os positivos. **MR**

REFERÊNCIAS

1. RATHA, Dilip; MOHAPATRA, Sanket; OZDEN, Caglar; PLAZA, Sonia; SHAW, William; SHIMELES, Abebe. *Leveraging Migration for Africa: Remittances, Skills, and Investments* (Washington, DC: World Bank, 2011), p. 4.
2. *Ibid.*, p. 16.
3. *Ibid.*, p. 2.
4. *Ibid.*, p. 10.

5. BISSARD, Laurent. *The Future of International Migration to OECD Counties, Regional Note, West Africa* (Paris, OECD, 2009), p. 2.

6. “Brain Drain Hits Military”, *GhanaHomePage*, (14 Mar. 2006), disponível em: <<http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/economy/artikel.php?ID=100940>>/

7. “Brain Drain Threatens Air Force”, *GhanaHomePage* (14 Mar. 2006),

disponível em: <<http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/economy/artikel.php?ID=100941>>.

8. "Brain Drain at 37 Military Hospital", *GhanaHomePage* (11 Sept. 2006), disponível em: <<http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/economy/artikel.php?ID=110394>>.

9. "African Military Still far from Winning War on HIV/AIDS!" *Newstime Africa*, (26 Mar. 2010), disponível em: <<http://www.newstimeafrica.com/archives/11466>>.

10. "Army Declares War on Aids", *News24* (7 Jun. 2005), disponível em: <<http://www.news24.com/SouthAfrica/AidsFocus/Army-declares-war-on-Aids-20050607>>.

11. "Nigeria Policemen in Court Trial for Boko Haram Killing", *BBC News Africa* (13 Jul. 2011), disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-14136185>>.

12. Bobby Ghosh, "Why the Muslim Brotherhood Are Egypt's Best Democrats", *Time* (22 Jun. 2011), disponível em: <<http://world.time.com/2011/06/21/>

[why-the-muslim-brotherhood-are-egypts-best-democrats/](http://world.time.com/2011/06/21/why-the-muslim-brotherhood-are-egypts-best-democrats/)>.

13. RATHA, Dilip et al., p. 4.

14. FELDMAN, Robert. "Fund Transfers—African Terrorists Blend Old and New: Hawala and Satellite Telecommunications", *Small Wars and Insurgencies*, Sept. 2006, p. 356-67.

15. GULED, Abdi; FORLITI, Amy. "Somalis Fear Blocking of US Wire Transfers Will Lead to Hardship; Officials Seek Solution", *Associated Press*, 23 Dec. 2011, disponível em: <<http://finance.yahoo.com/news/somalia-fears-over-us-wire-131104897.html>>.

16. "Suicide Protest Helped Topple Tunisian Regime", *Toronto Star*, 14 Jan. 2011, disponível em: <<http://www.thestar.com/news/world/article/922279--suicide-protest-helpedtopple-tunisian-regime>>.

17. PUURKITT, Helen E. (ed.). *African Environmental and Human Security in the 21st Century* (Amherst, NY: Cambia Press, 2009), p. 117, p. 118.

18. Global Code of Practice on the International Recruitment of Health Personnel, World Health Organization, 63rd World Health Assembly, 15 Apr. 2010.